

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

**SIGNIFICADOS DE APRENDIZAGEM PARA ESTUDANTES: UM ESTUDO
COM BASE NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL¹
MEANINGS OF LEARNING FOR STUDENTS: A STUDY BASED ON
HISTORICAL-CULTURAL PSYCHOLOGY**

Claudete Teresinha Junges², Celso Francisco Tondin³

¹ Texto desenvolvido a partir de estudo para trabalho de conclusão de Pós Graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica da UNOCHAPECÓ

² Orientadora Educacional da Rede Municipal de Ensino de Anchieta/SC, Aluna do Doutorado em Educação nas Ciências UNIJUI, claudetejunges@yahoo.com.br;

³ Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João Del Rei, Doutor em Psicologia, celsotondin@ufsj.edu.br;

Resumo

O texto é resultado de pesquisa realizada sobre a aprendizagem e os significados dela para estudantes. A base teórica utilizada são os estudos da psicologia histórico-cultural. A metodologia para a realização deste trabalho está embasada em pesquisa bibliográfica e empírica, de caráter qualitativo, com a participação de estudantes do 4º ano da Escola Centro Municipal de Educação Infantil e Fundamental, de Anchieta - SC, a quem foi aplicado o Protocolo facilitador da análise: situação da pessoa aprendendo. Resultou da pesquisa a percepção de que, ao planejar e mediar as atividades pedagógicas a partir dos conhecimentos construídos pela humanidade, deve-se observar o que os estudantes já sabem, os desafios apresentados pela vida social e a necessidade da construção de conceitos nesta perspectiva.

Palavras-chave: Aprendizagem. Mediação pedagógica. Psicologia histórico-cultural.

Abstract

The text is the result of research done on learning and the meanings of it for students. The theoretical basis used is the studies of historical-cultural psychology. The methodology for the accomplishment of this text is based on a qualitative bibliographical and empirical research, with the participation of students of the 4th year of the Municipal School of Infant and Elementary Education, of Anchieta - SC, to whom the Protocol facilitator of the Analysis: situation of the person learning. The result of the research was the perception that, in planning and mediating pedagogical activities based on the knowledge built by humanity, one must observe what students already know, the challenges presented by social life and the need to construct concepts in this perspective.

Keywords: Learning. Pedagogical mediation. Historical-cultural psychology.

INTRODUÇÃO

1 Contextualização da pesquisa

A pesquisa realizada e que está presentificada neste texto, é resultado do trabalho de conclusão de curso de Pós Graduação em Psicopedagogia realizado na UNOCHAPECÓ. O desafio colocado para a pesquisa partiu da grande questão colocada diuturnamente no trabalho de quem

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

atua nos espaços educacionais, tanto formais quanto informais: como as pessoas aprendem? Ou: quais são os fatores essenciais que possibilitam a aprendizagem? Além da queixa comum ouvida na escola da falta de “motivação para o aprender”, assim, sensível às necessidades apresentadas no cotidiano escolar, a proposta desta pesquisa foi compreender melhor o processo de ensino e aprendizagem com o intuito de qualificar as ações realizadas na instituição educativa de modo a melhorar os processos de aprendizagem.

Para entender este processo, buscamos respostas em estudos que já aprofundaram a compreensão da aprendizagem com base na Psicologia histórico-cultural. Desse modo, no processo da presente pesquisa, objetivamos trabalhar as concepções de aprender presentes nos constructos teóricos de Vigotski bem como de outros autores desta mesma perspectiva teórica, que produziram importantes e recentes pesquisas na educação a partir das ideias do referido psicólogo; bem como, investigamos os significados de estudantes do 4º ano do ensino fundamental em relação à aprendizagem.

A perspectiva que elegemos para a pesquisa é qualitativa, pois esta possibilita entender o significado e as estruturas dos fenômenos estudados a partir de categorias gerais que podem explicar a sua produção na relação com o contexto onde eles acontecem. Sendo assim, inicialmente, foram realizadas leituras de produções da Psicologia histórico-cultural, o que nos forneceu a contextualização dos principais pressupostos teóricos. Após pesquisa empírica, fizemos a categorização e a análise textual discursiva, com base no referencial teórico, do que foi coletado com os estudantes acerca dos significados do aprender.

A pesquisa empírica foi realizada junto a 41 estudantes de três turmas do 4º ano do ensino fundamental da Escola Centro Municipal de Educação Infantil e Fundamental, de Anchieta - SC, sendo duas delas do período vespertino e uma do matutino. Estas turmas foram escolhidas para participar da pesquisa em virtude da atuação da pesquisadora na função de orientadora educacional nesta escola, quando ouvia recorrentes falas dos educadores no sentido que os alunos estão desenvolvendo as atividades de modo aquém do esperado, tendo em vista a idade e as potencialidades deles.

O procedimento utilizado foi o Protocolo facilitador da análise da atividade psicopedagógica: situação da pessoa aprendendo, criado por Neusa Kern Hickel. Inicialmente, foi entregue aos alunos uma folha sulfite branca e solicitado que expressassem, em forma de desenho, uma pessoa aprendendo. Os desenhos foram realizados em cada uma das três salas de aula, com a turma reunida. Posteriormente, cada criança foi chamada individualmente para falar sobre o seu desenho, o que aconteceu na sala da coordenação pedagógica. As perguntas da pesquisadora foram no sentido de conhecer sobre a cena desenhada, especificamente: sobre o que a pessoa desenhada estava aprendendo, onde a pessoa estava, com quem estava, como aprende, se tem alguém que ensina, quem e como faz para ensinar. Ao final, cada criança escreveu ou contou uma história a partir do que desenhou.

A pesquisa foi avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Os pais das crianças autorizaram a participação delas na pesquisa, o que foi expresso pela assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

DESENVOLVIMENTO

2 Aprendizagem na teoria histórico-cultural

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

Para entender a aprendizagem, é necessário fazê-lo no processo dialético, no decorrer da ação, porque a aprendizagem gera desenvolvimento, ou seja, não é possível compreender a aprendizagem de modo estático, pois há uma relação intrínseca que não permite separá-la do desenvolvimento. Essa ideia é expressa por Vigotski (2007, p. 80) nos seguintes termos:

Acreditamos que o desenvolvimento da criança é um processo dialético complexo caracterizado pela periodicidade, desigualdade no desenvolvimento das diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, imbricamento de fatores internos e externos e processos adaptativos que superam os impedimentos que a criança encontra.

Na presente pesquisa, as crianças demonstraram que os maiores desafios enfrentados na aprendizagem são relativos à possibilidade de acessar o mundo letrado, com a aprendizagem da leitura e da escrita, momento de grande significado e que marca a vida escolar. A sociedade, de fato, coloca-nos diariamente ante o desafio da comunicação escrita e a escola é a instituição que deve cumprir o papel de trabalhar a alfabetização, permitindo à criança a superação do desafio de conhecer a linguagem escrita.

Das 41 crianças que participaram da pesquisa, 26 utilizaram o cenário da escola para expressar uma situação de uma pessoa aprendendo. Destas, 17 crianças disseram que a pessoa estava aprendendo a ler ou “aprendendo o alfabeto”, como elas identificaram, oito estudantes disseram que a pessoa estava aprendendo a fazer contas e uma estava observando/aprendendo sobre a vida.

É importante frisar que foi solicitado às crianças o seguinte: “Desenhe uma pessoa aprendendo”, mas percebemos, nas entrevistas com elas, que a grande maioria das crianças colocaram a si mesmas como os aprendentes. Eram elas que estavam aprendendo e expressaram nos desenhos seus anseios, necessidades ou preferências/gostos de aprendizagem.

Um fato desperta nossa atenção na pesquisa e o consideramos um sinalizador para entender a falta de desejo, empenho e desenvolvimento das potencialidades dos estudantes percebida no contexto escolar e referida pelos educadores: as turmas de alunos são do 4º ano e a grande maioria com o processo de alfabetização consolidado, mas as crianças, num número significativo (17), desenharam pessoas aprendendo a ler e escrever. Constatando este número de alunos que colocam a aprendizagem como o conhecimento da leitura e escrita, fica demonstrado que a alfabetização foi muito marcante para eles, mas ponderamos que muitos dos estudantes que não estão interessados pelo processo educativo, demonstram dispor de muitas informações e a maioria dos trabalhos na escola são também a partir de informações. Por isso, a escola precisa desafiar-los a construir conceitos que os ajudem a pensar o dia a dia de suas vidas, superando desafios maiores, afinal,

[...] onde o meio não cria os problemas correspondentes, não apresenta novas exigências, não motiva e nem estimula com novos objetivos o desenvolvimento do intelecto, o pensamento [...] não desenvolve todas as potencialidades que efetivamente contém, não atinge as formas superiores ou chega a elas com extremo atraso. (VIGOTSKI, 2010, p. 171).

Evidencia-se que, a aprendizagem mais significativa que a maioria dos participantes da pesquisa fizeram na escola foi a da leitura e da escrita, parecendo que depois dela não houve uma motivação significativa, um conhecimento novo que os tenha colocado frente a frente com o seu desconhecimento. E é preciso este contato para que haja motivação para a aprendizagem. Nesse

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

sentido, Vigotski (2007), referindo-se à aprendizagem no processo de desenvolvimento infantil, fala que toda nova percepção é resultado de todas as percepções anteriores da criança e que as ações são resultado das ideias e não das coisas. Portanto, quando apresentamos ou colocamos a criança frente a uma situação real acontece uma contradição entre as ideias existentes e a síntese decorrente dali é o que proporcionará aprendizagem e, conseqüentemente, desenvolvimento.

2.1 Níveis de desenvolvimento e o que observar nos desafios que propomos na aprendizagem

Também foi perguntado às crianças como a pessoa desenhada aprendia, ao que 25 responderam: ouvindo, lendo, fazendo e vendo, e também disseram que alguém ensina; quatro crianças aprendem estudando; quatro crianças aprendem se esforçando; duas crianças disseram que aprendem “com o tempo”; as demais responderam que aprendiam pensando, brincando, juntando as letras, errando, com dúvidas.

Trata-se aqui de refletir sobre a mediação pedagógica do processo de construção do conhecimento na escola. Nela, devem ser apresentados elementos novos que proporcionem desafios aos estudantes, para que percebam o seu desconhecimento, já que na atualidade as crianças têm muitas informações que as fazem crer serem de tudo sabedoras e, por isso, pensam que a escola não tem mais nada a lhes oferecer, o que contribui para tornar esta instituição desinteressante. Por conta disso, não observar o momento, o processo do desenvolvimento pelo qual a criança passa e trabalhar somente assuntos que ela já conhece remete a pensar que a escola está transmitindo aos alunos a ideia de que eles não têm condições de conhecer algo novo, além de reforçar a ideia de que eles não têm aprendizagens novas a fazer.

Ao apresentar um conceito novo para a turma, ou que já tenha sido trabalhado e que vai ser aprofundado, é preciso que o professor desafie as crianças a perceberem o que ainda não sabem frente à realidade, que ele conheça as curiosidades delas sobre o assunto e demonstre aos alunos que podem saber muito mais e de formas variadas sobre ele. Além disso, os desafios que propomos aos estudantes e que os incitamos a resolver devem ter relação com suas vivências cotidianas, de modo a propor que vejam de outras maneiras as informações que lhes foram disponibilizadas por outros meios. E, mais, nossa tarefa de mediadores deve demonstrar e provar a importância dos saberes trabalhados na escola para eles tenham mais autonomia na vida.

Nas práticas pedagógicas é bem presente a dificuldade de auxiliar no desenvolvimento de uma aprendizagem para a qual a criança ainda não está preparada. Nesse sentido, é muito conhecido na teoria de Vigotski a necessidade da observação dos níveis de desenvolvimento da criança em relação à aprendizagem. Como aprendizagem e desenvolvimento estão interligados, para haver aprendizagem é necessário perceber qual é o momento do desenvolvimento da criança e intervir no que este estudioso denominou de zona de desenvolvimento proximal, que é assim definida:

Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VIGOTSKI, 2007, p. 97).

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

A partir deste conceito, coloca-se a necessidade do professor adiantar-se ao desenvolvimento, propor aprendizagens desafiadoras, estar atento ao momento que o estudante está, ao nível de desenvolvimento apresentado, pois “[...] a noção de desenvolvimento proximal capacita-nos a propor uma nova fórmula a de que o bom aprendizado é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento.” (VIGOTSKI, 2007, p. 102). Levando isso em consideração, apontamos que os desafios colocados pelos estudantes todos os dias aos educadores são muito grandes, porque as crianças têm canais cada vez mais diversificados de obtenção de informações sobre os mais variados assuntos, inclusive para os quais não possuem maturidade para compreender.

2.2 Pensamento conceitual e a mediação pedagógica

O pensamento conceitual é o patamar ao qual queremos que o pensamento infantil alcance. Pensar conceitualmente é a possibilidade que pessoa passa a ter a partir do momento em que desenvolvimento mental dela tenha atingido seu nível mais elevado. “A formação de conceitos surge sempre no processo de solução de algum problema que se coloca para o pensamento do adolescente.” (VIGOTSKI, 2010, p. 237).

Inicialmente e de fundamental importância é a relação, o contato e a inserção da criança na vida social, que vai lhe proporcionar o conhecimento da realidade a partir das vivências e, dessa forma, o pensamento espontâneo. Depois, essa realidade com suas problemáticas deve estar presente no trabalho escolar. A problematização da realidade vivida pelo educando no processo de construção dos conceitos científicos é um requisito para que a mediação pedagógica seja efetiva.

É importante salientar que a forma de construção ou percepção da realidade ocorre por meio dos conceitos espontâneos, que são construídos das formas mais elementares às mais complexas e essa construção se dá de forma contrária nos conceitos científicos:

[...] o conceito espontâneo da criança se desenvolve de baixo para cima, das propriedades mais elementares e inferiores às superiores, ao passo que os conceitos científicos se desenvolvem de cima para baixo, das propriedades mais complexas e superiores para as mais elementares e inferiores. Essa diferença está vinculada à referida relação distinta dos conceitos científicos e espontâneos com o objeto. (VIGOTSKI, 2010, p. 348).

Para que haja o desenvolvimento do pensamento conceitual, a partir de suas relações mais complexas, há necessidade da intervenção de pessoas mais experientes, dado que ele não é construído de modo espontâneo. Nesta pesquisa, o reconhecimento da importância do outro no processo de ensino e aprendizagem é percebido pelas crianças. Quando perguntadas sobre quem as ensinava, 20 delas responderam que são os pais, professores, familiares ou “quem sabe ensinar”; 15 disseram que são apenas as professoras; cinco mencionam apenas os familiares; uma disse que aprende sozinha; e uma não soube responder.

Na história de suas aprendizagens, as crianças já perceberam a necessidade da mediação pedagógica dos educadores na escola ou de outras pessoas mais experientes no processo de aprendizagem, o que dimensiona que o conceito é em si um ato de generalização de pensar,

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

perceber algo e traspor esse conhecimento para outros processos e ações. Porém, para chegar à generalização, ao pensamento conceitual é imprescindível a mediação pedagógica.

Conforme Vigotski (2010), o pensamento passa por vários processos antes de chegar ao pensamento conceitual. Assim, quando a criança assimila o pensamento do adulto, mesmo que fale e o utilize em outras relações ele se constitui em um pseudo conceito, porque não foi construído a partir de um problema a ser solucionado por ela mesma. Ou seja,

A criança não pode assimilar de imediato o modo de pensamento dos adultos, e recebe um produto que é semelhante ao produto dos adultos porém obtido por intermédio de operações intelectuais totalmente diversas e elaborado por um método de pensamento também muito diferente. É isto que denominamos pseudo conceito. (VIGOTSKI, 2010, p 193).

Veja o que nos diz este mesmo psicólogo sobre o surgimento do pensamento por conceitos:

[...] em sua formação participam todas as funções intelectuais elementares em uma original combinação, sendo que o momento central de toda essa operação é o uso funcional da palavra como meio de orientação arbitrária de atenção, abstração, da discriminação de atributos particulares e de sua síntese e simbolização com o auxílio do signo. (VIGOTSKI, 2010, p 236).

Isso requer dizer que, para a ocorrência do processo do desenvolvimento dos conceitos, é necessário que outras funções sejam desenvolvidas: atenção arbitrária, memória, lógica, abstração, comparação e discriminação. Afinal, “Os conceitos científicos não são assimilados nem decorados pela criança, não são memorizados, mas surgem e se constituem por meio de uma imensa tensão de toda atividade de seu próprio pensamento.” (VIGOTSKI, 2010, p. 260).

As crianças possuem saberes construídos no dia-a-dia, possuem informações que encontram nos meios de comunicação e é fundamental que os educadores, na escola, conheçam estes conceitos espontâneos, construídos no decorrer da vida delas. Estes saberes devem dialogar com o pensar conceitualmente, pois “[...] a formação de conceitos é um processo de caráter produtivo e não reprodutivo [...] um conceito surge e se configura no curso de uma operação complexa voltada para a solução de algum problema.” (VIGOTSKI, 2010, p. 156).

Quando a criança aprende uma palavra nova para designar um fenômeno ou consegue descrevê-lo de forma precisa a partir de uma explicação que o professor ou uma pessoa mais experiente fez, relacionando os conceitos científicos às contradições presentes na vida cotidiana dela, passa a utilizar a palavra ou a explicação. Isso se constitui apenas no início do processo de pensamento conceitual, porque para sê-lo de fato é necessário que a criança chegue à generalização a partir do fato de colocar a si mesma ante a realidade, isto é, a forma de pensar deve evoluir em um processo cada vez mais complexo.

Pensar conceitualmente é fruto de todo um processo de desenvolvimento no qual a

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

aprendizagem é fundamental. Um bom ensino é o que leva em consideração o nível de desenvolvimento da criança, é o que vai além dele para provocar avanço e coloca a criança permanentemente a pensar as contradições que vive. Por isso, as crianças precisam ter muitas e variadas experiências que podem e devem ser proporcionadas pela escola em seus diferentes níveis, conforme a idade delas.

Atualmente, muitos autores que estudam a escola à luz da pedagógica histórico- crítica nos chamam a atenção para o pensamento teórico, como o faz Martins (2011, p. 238):

À educação escolar compete corroborar o desenvolvimento do pensamento teórico, uma vez que o conceito, na exata acepção do termo, eleva a mera vivência à condição de saber sobre o vivido, isto é, permite avançar da experiência ao entendimento daquilo que a sustenta - condição imprescindível para as ações intencionais [...] a formação de conceitos ultrapassa a esfera do pensamento, subordinando a si as transformações mais decisivas da percepção, da atenção, da memória e das demais funções.

Para que o ensino gere desenvolvimento, Vigotski chama a atenção para a observação do nível de desenvolvimento em que a criança se encontra. Oliveira (2010) nos fala, baseada neste pensador, que a ação educacional deve se dar nas potencialidades de desenvolvimento da criança. Para tal, uma avaliação detalhada da construção conceitual até então desenvolvida pelo aluno é importante para o início do trabalho escolar. Por isso, é necessário que todo trabalho pedagógico inicie observando o nível de desenvolvimento real, ou seja, até onde o indivíduo já chegou na compreensão de determinado conceito.

Também fundamental é considerar as potencialidades de desenvolvimento da pessoa a quem ensinamos. Isso é o que Vigotski chamou de nível de desenvolvimento potencial. Como já referimos, entre um desenvolvimento e outro está o nível de desenvolvimento proximal, desenvolvimento que está acontecendo, em curso, no qual é possível intervir para desenvolver. Ali pode acontecer a intervenção pedagógica essencial para o desenvolvimento do sujeito. Desse modo, o que a escola proporciona às crianças é determinante para o desenvolvimento intelectual delas, de tal maneira que o processo de mediação pedagógica pela docência vai garantir ou não a possibilidade do desenvolvimento das potencialidades de cada estudante.

3 O social e o individual nos processos de aprendizagem

Uma das características fundamentais da aprendizagem está na interação da pessoa com a sociedade. A nossa existência enquanto indivíduos nasce do entrelaçamento entre a nossa origem biológica e a existência sociocultural. Como escreve Vigostki (2007, p. 50), “[...] a característica básica do comportamento humano em geral é que os próprios homens influenciam sua relação com o ambiente, e através deste ambiente, pessoalmente modificam seu comportamento, colocando-o sob seu controle.” Sendo assim, entendemos que uma criança que estuda em uma turma de 4º ano do ensino fundamental ao mesmo tempo que comunica o que aprendeu de suas

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

vivências também se relaciona com as outras crianças e profissionais da escola, modificando todos e entre si seus modos de ser.

Ainda segundo Vigotski (2007), todas as funções superiores do pensamento, a atenção, memória e pensamento conceitual, são originadas nas relações reais entre as pessoas, portanto,

[...] o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se partes das aquisições do desenvolvimento independente da criança. (VIGOTSKI, 2007, p. 103).

Uma questão que percebemos na pesquisa diz respeito ao aspecto individual do processo de aprendizagem. O que vemos nos casos das crianças que desenharam a aprendizagem ocorrendo na escola é o caráter individual da aprendizagem. As crianças estão sempre aprendendo sozinhas com a professora à frente da sala de aula e materiais escolares individuais. Compreendemos que a aprendizagem é algo individual, da relação da pessoa com os objetos da cultura, mas os significados são trocados na coletividade.

As crianças passam quase a totalidade do período que estão na escola apenas realizando trabalhos de forma individual enquanto “[...] o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam.” (VIGOTSKI, 2007, p. 100). Entramos na vida daqueles que nos cercam a partir do momento que convivemos. Em um grupo, enriquecemo-nos e nos tornamos melhores porque somos diferentes, temos trajetórias de experiências diferenciadas, e na escola apenas formamos uma turma, mas é muito insignificante o tempo que o trabalho pedagógico tem reserva às relações coletivas de aprendizagens, como nos indicam os desenhos dos participantes desta investigação.

4 A dimensão humanizadora dos processos pedagógicos intencionais

O ser humano ao nascer traz consigo em potencial tudo o que pode ser possível no desenvolvimento posterior. Somos, ao nascer, representantes pequenos da espécie humana e temos características biológicas da espécie; já trazemos conosco, marcadas em nossos genes, as mudanças que ao longo de milhões de anos a espécie humana passou e as características de nossos antepassados mais recentes. Mas tudo o que seremos enquanto indivíduos culturais será aprendido durante a vida nas relações com os outros, com os bens culturais aos quais teremos acesso, e, na possibilidade de passarmos por mediações intencionais que possibilitarão tornarmos-nos mais humanos.

Tornamo-nos mais humanos a partir da possibilidade de passarmos por processos educativos de qualidade. Como um exemplo: nascemos com o cérebro dotado de plasticidade para aprendermos a falar, a humanidade no decorrer da longa história criou e constantemente aperfeiçoa a linguagem como forma de comunicação e as crianças nessa relação social com as outras pessoas aprendem a linguagem de forma até espontânea, mas é na intencionalidade do ato pedagógico que as crianças assimilam o material fonético, semântico e gramatical da linguagem,

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

passam a entender o funcionamento da língua que já conheciam, e esse aprendizado promove desenvolvimento psicointelectual.

Para que possamos promover ensino de qualidade nas escolas, fundamentadas no direito de cada ser humano de ter acesso ao que a humanidade produziu culturalmente, precisamos nos apropriar e colocar em prática nas nossas ações, reflexões e estudos os princípios da Pedagogia histórico-crítica, que dialoga intimamente com a Psicologia histórico-cultural. Isso permitirá que juntamente com os educadores, as crianças e jovens superem processualmente formas elementares de percepção do real na direção de um pensamento conceitual. Para isso, é preciso tornar mais significativos os processos de aprendizagem, possibilitar que cada conceito trabalhado seja compreendido a partir dos desafios que a própria vida nos coloca para ser entendido.

Parte desse esforço de transformar os conceitos fundamentais da Pedagogia histórico-crítica em uma didática, que de certa forma metodologicamente permite pensar a prática pedagógica a partir dela, está contida no livro Uma didática para a pedagogia histórico-crítica, de João Luiz Gasparin (2009). As ideias deste professor podem auxiliar no processo de pensar, repensar e transformar as práticas educativas, pois se apresentam na forma de uma metodologia coerente para trabalhar o conhecimento de modo significativo, observando-se, assim, os pressupostos de Vigotski. Vejamos estas ideias:

a) prática social - nível de desenvolvimento atual do educando:

Caracteriza-se pelo contato inicial do aluno com o tema ou objeto de estudo em questão. Neste momento inicial do trabalho de um tema, o professor precisa conhecer a realidade do educando e a significação que aquele conteúdo tem em sua vida. É importante perceber nesta etapa quais construções o educando já tem do assunto;

b) problematização - explicitação dos principais problemas da prática social:

Questionamentos acerca dos limites dos alunos na forma de perceber o conceito científico a partir do que foi percebido na prática do educando, demonstrando os objetivos do trabalho com os conhecimentos na sua totalidade e não omitindo nenhuma dimensão de forma interdisciplinar;

c) instrumentalização - ações didático-pedagógicas para a aprendizagem:

A partir da problematização são percebidos os conceitos a serem dominados pelos alunos para resolver os problemas percebidos. “A instrumentalização é o caminho pelo qual o conteúdo sistematizado é posto à disposição dos alunos para que o assimilem e o recriem e, ao incorporá-lo, transformem-no em instrumento de construção pessoal e profissional.” (GASPARIN, 2009, p. 51). Constrói-se ali uma comparação entre os conceitos espontâneos dos estudantes e os conceitos científicos que são trabalhados;

d) catarse - expressão elaborada da nova forma de entender a prática social:

Constitui-se principalmente pela realização, pelo aluno, da síntese e a manifestação elaborada que construiu do conteúdo apresentado inicialmente e agora trabalhado. É o momento em que o aluno demonstra seu novo nível de aprendizado;

d) prática social - nova proposta de ação a partir do conteúdo aprendido:

“O ponto de chegada do processo pedagógico [...] é o retorno à prática social. Esta fase representa a transposição do teórico dos objetivos da unidade de estudo, das dimensões do conteúdo e dos conceitos adquiridos.” (GASPARIN, 2009, p. 139).

Com a pretensão de demonstrar a grandeza e a importância da didática para a Pedagogia histórico-crítica, elencamos aqui a elaboração realizada por Gasparin (2009), neste trabalho teve o objetivo de apresentar a questão para aprofundamento e demonstrar a necessidade de mais

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

estudos voltados à prática pedagógica. Porque, acreditamos na possibilidade da educação proporcionar a humanização a partir da construção de cidadãos críticos e conscientes da sociedade e de si. Assim como nos ensina Martins (2011 p. 238), “Educação escolar que vise à formação de indivíduos livres carece primar pelo desenvolvimento do pensamento complexo, superior, na ausência do qual resulta comprometido o ato volitivo, igualmente o autocontrole de conduta.”

CONCLUSÃO

A partir desta pesquisa realizada com as turmas de 4º ano da Escola Centro Municipal de Educação, refletimos sobre os significados do aprender expressos pelos estudantes analisados a partir das construções teóricas do materialismo dialético. Ressaltamos três questões bem importantes para as quais é necessário atentar no momento de planejar e mediar as atividades pedagógicas, quais sejam:

- a) Colocar as crianças ante desafios que a vida social apresenta e cuja compreensão necessita de conceitos;
- b) Utilizar materiais e vivências das crianças, materiais reais e sensoriais para tornar o ensino mais prático, menos verbalista e mais próximo dos estudantes;
- c) Tornar o processo de aprendizagem cada vez e muito mais coletivo do que individual, pois nos fazemos, construimo-nos diferentes e melhores que nós mesmos no processo coletivo e não podemos tornar o processo de ensino algo reduzido à relação vertical entre professor e alunos.

O pensamento conceitual é uma possibilidade a partir do ensino intencional e, para que isso ocorra, a Pedagogia histórico-cultural nos oferece um caminho. É um direito dos estudantes vivenciar a humanidade e tornar-se mais humanos a partir do conhecimento construído, é correto, porém, afirmarmos que a sociedade e a educação no seu espírito do capitalista continuam excludentes, oferecendo muito menos possibilidades para a maioria das pessoas. Entretanto, a transformação social é também uma tarefa da educação.

Para que haja vida plena dos sujeitos na sociedade, o que recebemos naturalmente através de nossos genes deve ser considerado apenas como possibilidade, ponto de partida. Todas as pessoas têm direito a acessar o que foi construído historicamente pela humanidade, esse processo nos torna mais humanos à medida que pensarmos conceitualmente. Queremos uma sociedade em que haja lugar para todas as pessoas, em que as oportunidades sejam socializadas.

REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hanna. A crise na educação. [s. e.]: [s.l.], 2002. Disponível em: <www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br>. Acesso em: 20 ago. 2016.

GASPARIN, João Luiz. Uma didática para a pedagogia histórico-crítica. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

MARTINS, Lígia Márcia. O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. 250 f. Tese (Livre docência em Psicologia da Educação) - Departamento de Psicologia, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2011.

RIGON, Algacir; ASBAHR, Flávia; MORETTI, Vanessa. Sobre o processo de humanização. In:

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

MOURA, Manoel Oriosvaldo de (Org.). A atividade pedagógica na teoria histórico-cultural. Brasília/DF: Liber Livro, 2010. p. 13-44.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. A teoria de Vygotsky. São Paulo: [s. e.], 2010. 1 vídeo.

SALATIEL, José Renato. Marx - Teoria da Dialética: contribuição original à filosofia de Hegel. [s. l.], 2008. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/marx---teoria-da-dialetica-contribuicao-original-a-filosofia-de-hegel.htm>>. Acesso em: 30 de jul. 2016.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. A construção do pensamento e da linguagem. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.